



O USO DE MÍDIAS NOS CURSOS TÉCNICOS: percepção dos professores de cursos profissionalizantes em uma escola na região Noroeste do Paraná

Elizabete Aparecida Mulezini – UTFPR – emulezini@hotmail.com
Neron Alípio Cortes Berghauser – UTFPR – neron@utfpr.edu.br

Linha de Pesquisa: Mídias na Educação

RESUMO

Pensar o uso das TIC's em sala de aula tem sido um grande desafio nas últimas décadas, ainda mais tratando-se de cursos profissionalizantes. Diferentemente dos ensinamentos tradicionais, espera-se que os egressos desta modalidade estejam melhor preparados para ocuparem postos de trabalho nas diversas áreas de formação, e para isto existe a necessidade de conhecer e saber usar equipamentos de viés tecnológico. Dominar o uso de modernos recursos tecnológicos pode ser um grande diferencial competitivo no momento de o técnico conseguir uma ocupação no mercado de trabalho. O objetivo principal deste artigo foi de levantar a percepção entre professores de três cursos profissionalizantes da cidade paranaense de Cruzeiro do Oeste sobre as práticas pedagógicas usando recursos de multimídia e os resultados gerados. A pesquisa é classificada como exploratória e com aplicação de um questionário com nove questões objetivas, portanto o tratamento dos dados foi quantitativo, entretanto, pelo fato da pesquisadora fazer parte do ambiente em estudo, houve também o componente observacional na pesquisa. Foram pesquisados professores dos cursos técnicos de Administração, Recursos Humanos e Informática. Os resultados apontam para uma realidade longe da esperada para alunos técnicos de nível médio, sob aspecto de infraestrutura de recursos tecnológicos, entretanto a pesquisadora identificou algumas ações de iniciativa de alguns professores que procuram amenizar os efeitos negativos deste problema.

Palavras chave: tecnologia; aprendizagem; profissionalizante; trabalho.

1 INTRODUÇÃO

Diante da intensa presença, das evoluções tecnológicas em todos os ambientes, fica evidente a necessidade de se refletir sobre este fenômeno também nos espaços escolares. Neste caso, tem-se atualmente um grande número de pesquisadores preocupados se os resultados desta intervenção serão positivos ou negativos para os estudantes. Entretanto, partir para uma discussão sobre benefícios e prejuízos potencialmente causados pelas chamadas TIC's (Tecnologias da Informação e Comunicação) pode parecer deveras tardio, visto que elas estão

presentes em grande parte das atividades humanas modernas, sem que haja a possibilidade de rompimento desta relação.

Neste sentido, cabe à academia procurar entender melhor as relações decorrentes da evolução tecnológica e os impactos por ela causados nos ambientes escolares, sendo as mídias, o conjunto de recursos comumente usados em sala de aula.

O objetivo deste trabalho foi identificar de que forma as mídias e a tecnologia fazem parte do dia-a-dia da educação de professores e alunos em três cursos de ensino profissionalizante, do Colégio Estadual Almirante Tamandaré de Cruzeiro do Oeste – Paraná.

Esta pesquisa é classificada como exploratória, pois visa desenvolver, esclarecer e até mesmo modificar conceitos e ideias já estabelecidas, proporcionando uma visão geral, acerca de determinado fato. E seu caráter é quantitativo, realizada através de questionários, com nove perguntas objetivas, para os professores dos cursos técnico profissionalizante de Administração, Informática e Recursos humanos, estes foram enviados e devolvidos por e-mail, por ser a forma mais prática e de fácil acesso dos entrevistados. E pelo fato da pesquisadora fazer parte do ambiente em estudo, pode-se contar com o componente observacional da pesquisa.

O processo de globalização, o novo contexto histórico da sociedade e em especial as mídias de comunicação e informação, trazem consigo maiores possibilidades para o desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade, ampliando e melhorando as oportunidades de aprendizagem e formação do cidadão. As instituições de ensino são importantes fontes para este processo, em especial para entender o mundo complexo no qual se está inserido, somando-se também a necessidade de compreender o ambiente do mercado de trabalho que exige a cada dia novas habilidades.

Desta forma, o profissional da educação precisa estar atento ao uso das mídias tecnológicas de informação e comunicação, faz-se necessário adaptar-se as novas tecnologias que o mercado dispõe, que o aluno utiliza e aquela oportunizada pela rede pública de ensino, pois as TICs tornaram-se itens quase que obrigatório nas salas de aula e configuram novas formas de vida e aliado na construção do saber

Uma pesquisa sobre tecnologias na educação fundamenta-se por colaborar com a discussão sobre o uso das mídias como ferramenta de aprendizagem para educadores e educandos.

Dos resultados apontados por estudos como este, poderão surgir propostas mais estruturadas para as mudanças necessárias na educação nacional. O sistema educacional brasileiro, pautado fortemente em instituições públicas, pode ser beneficiado por meio de políticas governamentais, traduzidas em recursos melhor direcionados, embasados em constatações relatadas em pesquisas. Estes estudos podem indicar os setores mais carentes de investimentos que possam gerar melhores resultados a médio prazo, e isto colabora para justificar a sua realização.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para a consolidação desta pesquisa é de fundamental importância descrever conceitos e entendimentos acadêmicos sobre a Escola e o Trabalho como pressupostos iniciais, além de Tecnologia e Aprendizagem.

2.1 O Trabalho e a Escola no Brasil

O debate acerca das relações entre educação e trabalho é, de certa forma recente, uma vez que para Manfredi (2002, p.12) "[...] historicamente, a constituição da escola não esteve vinculada à formação do trabalho". O autor comenta que sob o ponto de vista institucional, a principal proposta de sua criação era focada muito mais na preparação de grupos de pessoas selecionadas para a prática do comando, do poder e da direção social. Desta forma, não havia a preocupação com a formação educacional do povo, de uma forma geral;

No Brasil, no século XIX se difundiu a noção de instrução pública vinculada à iniciativa de organização dos sistemas nacionais de ensino, tendo como objetivo permitir o acesso de toda a população de cada país a uma escola capaz de garantir o domínio das competências ao ler, escrever e contar. Nessa acepção, a escola pública estava referida, fundamentalmente, ao ensino elementar (LOMBARDI 2005, p. 4).

Quando a formação ocorria, era voltada apenas para o ensino básico. A capacitação para o trabalho deveria acontecer na própria dinâmica social,

comunitária e no próprio ofício. "Esse processo informal de aprendizagem, que abrangia o domínio dos métodos, técnicas e rotinas dos diferentes ofícios, constituiu, durante séculos, a única escola que pessoas das classes populares dispunham (MANFREDI, 2002, p.21)". Desta forma, era na prática que se aprendia qualquer profissão técnica, pois não havia política pública com a finalidade de criar um espaço onde pudesse aliar o conhecimento técnico e o pedagógico, e a iniciativa privada também não investia nesta área. Com o passar do tempo e o surgimento de novas profissões, mesmo que precariamente e com suas limitações, as escolas populares foram sendo instaladas, emergindo e se entranhando na consciência coletiva e das elites a importância da instrução e da educação para a população.

Manfredi (2002), descreve a popularização da educação, como uma estratégia para a preparação das pessoas para o trabalho e não necessariamente para a cidadania e libertação da ignorância, pois neste momento a intenção era que o trabalhador soubesse o mínimo necessário para desempenhar suas atividades. O processo de transformação das demandas por trabalhadores geradas com a industrialização de parte do país no início do século XX

[...] geraram a superação – em termos de necessidade – da formação profissional nas escolas profissionalizantes, pois se antes o sistema manufatureiro ainda pressupunha o domínio de alguns saberes provenientes do artesão (ensinados nas escolas profissionais), o sistema industrial que se impunha naquele momento não necessitava, por sua vez, de nenhum tipo de formação para a realização do trabalho que, mecanizado e especializado, resumia-se à condição de “força de trabalho” ou “trabalho simples” (NADAL 2009, p. 5).

Em especial com a revolução industrial, na qual exigia-se do trabalhador apenas trabalhos simples, especializado e repetitivo, não havia a necessidade de uma escola que ensinasse a pensar, pelo contrário, quanto menos o trabalhador refletisse, mais submisso este seria, o que era de interesse daqueles que estavam no poder e assim se mantinham. Para Manfredi (2002), os trabalhadores de uma maneira geral passam a exigir seus direitos sociais, dentre os quais a educação e a saúde, somente após unirem-se em organizações como sindicatos e associações e focarem suas necessidades coletivamente. Este cenário de poucos recursos e descaso para a formação do trabalhador por meio da educação pode ser percebido quando por volta de 1910, estavam instaladas em todo o país, menos de vinte

escolas desta categoria e a maioria em situação bastante precária, tanto de instalações como de formação dos professores que atuavam (ANJOS; 2007).

A partir deste momento surgiu o sistema educacional, público, gratuito e único, para que isso se tornasse viável financeiramente, o trabalho pedagógico passou a ser configurado de forma semelhante ao processo de produção fabril através da utilização de métodos coletivos (substituindo o individualizado) baseados na utilização de manuais escolares o ensino passou a ser desenvolvido por meio da proposta previamente elaborada do manual (NADAL, 2009).

“As escolas de aprendizes artífices tinham prédios próprios, currículos e metodologia próprias, alunos condições de ingresso e destinação esperado dos egressos que as distinguiam das demais instituições de ensino elementar (CUNHA, 2000, p. 94)”. Inclusive, esta escola, desde sua criação, se submetia a uma legislação própria, que se distinguiu, daquelas de ensino profissionalizante mantidas por particulares.

Bastos (2013), descreve sobre a realidade do ensino industrial no país: Com a Primeira Guerra Mundial e as mudanças econômicas que aconteceram em todo o mundo, dificuldades de importações/exportações, trouxe à tona uma realidade que muitos se negavam a ver: fazia-se necessário investir em produção industrial no Brasil, para desta forma depender menos de outros países. Porém, mais indústrias, significava investimentos, não apenas em máquinas e estruturas, havia também a necessidade de um número ainda maior de operários, e operários qualificados, os quais o mercado não dispunha no momento, pois não havia a preocupação com estas. Foi então que ampliou-se significativamente o aumento de escolas profissionalizantes.

Manfredi (2002) afirma que a estrutura do ensino profissionalizante na década de 1940 apresentava grandes diferenças entre as instituições públicas e as privadas. A autora ainda salienta que para a educação profissional, o governo Vargas negociou com lideranças industriais e criou em 1944 o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), sendo que este tinha como objetivo capacitar os trabalhadores dentro da ideologia do conhecimento técnico, atitudes e valores para cumprir as necessidades que a indústria demandava naquele momento.

Para este período, o Sistema S foi fortalecido pela perspectiva tecnicista dos projetos de desenvolvimento bem como as iniciativas das empresas privadas e estatais, por intermédio da Lei 6297/57, que concedeu incentivos fiscais para que as

próprias empresas desenvolvessem seus projetos de formação profissional. Sendo que estes contribuíram para o avanço industrial no país e geração de empregos. Sendo que “durante o auge da expansão do emprego industrial nos anos 70, o país chegou a ter cerca de 20% (vinte por cento) de seus empregados na indústria de transformação. Vinte anos depois essa mesma indústria passaria a responder por menos de 13% das ocupações nacionais. Desta forma estes benefícios foram suspensos em 1990 com o governo Fernando Collor de Mello (PORCHMAN 2000; apud BASTOS, 2013).

As mudanças obtidas com a adoção do padrão capitalista de acúmulo de capital gerariam inúmeras contradições entre o sistema educacional antigo e as novas demandas de educação para o trabalho. Essas novas necessidades de vencer os desafios que surgiram, fomentaram a criação de uma nova estrutura do ensino público brasileiro. Em especial, nos últimos vinte anos, com o advento da internet e o avanço da tecnologia, os empregos e as habilidades necessárias para atendê-las foram se modificando, tornando algumas profissões obsoletas e surgindo a busca por outro perfil de trabalhador com novas habilidades (MANFREDI; 2002).

Visando atender as novas necessidades do mercado que se transforma rapidamente, em 2007 o governo instituiu o programa Brasil Profissionalizado, tendo como foco: “a melhoria da qualidade da educação, organização do ensino médio combinado com a formação profissional ligada aos arranjos produtivos locais, aumento da oferta de vagas no ensino médio integrado à educação profissional (BRASIL, 2007)”

A Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico OCDE (2015), apresenta que apenas 6,6% dos brasileiros entre 15 e 19 anos frequentam cursos profissionalizantes; em países mais desenvolvidos, o ensino técnico é escolhido por cerca de 50% dos estudantes de ensino médio. Provavelmente isto se deva à falta de informação sobre os cursos e oportunidades e também pela necessidade imediata de optarem pelo trabalho sem qualquer tipo de formação.

É neste novo contexto que o ensino profissionalizante se encontra inserido, buscando atender aquilo que a lei determina e o mercado de trabalho exige.

2.1 Tecnologia na Educação

Nos últimos vinte anos aconteceram muitas mudanças, e a tecnologia aliada a internet foram as coadjuvantes desta evolução, que se tornou menos onerosa, conseqüentemente, mais acessível a um número maior de pessoas. Alterando a forma de comunicação, de comportamento e de vida das pessoas. Apesar das recentes mudanças, não é de hoje que elas surgiram. A tecnologia da educação já foi definida como:

uma forma sistemática de planejar, implementar e avaliar o processo global da aprendizagem e da instrução, em termos de objetivos específicos, baseada nas pesquisas de aprendizagem e comunicação humana, e que se utiliza de uma combinação de recursos e materiais, com o propósito de obter uma instrução mais efetiva (OLIVEIRA 1973, p. 3)."

No Brasil a tecnologia da educação demorou a chegar nas instituições de ensino, seus primeiros sinais vieram através das transmissões via rádio e TV, com o objetivo de qualificar aqueles trabalhadores que moravam distantes das instituições de ensino, surgindo neste momento a educação a distância em nosso país (Lucena; 2003), servindo de meio para que a educação chegasse aqueles que não pudessem ir até ela, ficando neste sentido, mais restrita ao ato de comunicar, não conseguindo uma maior interação com o aluno.

Apesar de lento, este início foi importante, pois já sinalizava para o futuro que chegaria brevemente. O tempo passou e a tecnologia avançou, em especial nos últimos 20 anos, a qual chegou na maioria dos lares trazendo informação em tempo real e uma maior interatividade entre as pessoas. Porém, as escolas não conseguiram acompanhar este ritmo, engessada em seus currículos e na burocracia intrínseca das entidades com este perfil.

Apesar de não acompanhar o ritmo imposto pelo mundo tecnológico, as escolas vem revendo seus conceitos, e dentro das suas possibilidades, procurando se readaptar para atender esta demanda. E quando falamos em escola, não podemos ficar centrados apenas nas estruturas físicas, é preciso pensar também no material humano que faz parte deste contexto: professores, diretores e toda equipe pedagógica. Que precisa estar preparada para estes desafios, pois vivendo na era da informação e do mundo globalizado, a tecnologia faz parte do dia-a-dia de todos, e pode/deve servir de instrumento educacional para colaborar na decodificação dos conceitos teóricos trazendo-os para a realidade comum.

Para os educadores o desafio e a vantagem das novas mídias é a sua interatividade, isto é, depende das ações dos usuários, que deixam de ser apenas receptores ou espectadores, seu nível de exigência é muito maior:

Essa mudança de concepção de atuação, já prevista nas próprias características da mídia digital e da web, faz com que o computador, o celular e a TV cada vez mais se distanciem de uma máquina de reprodução e se aproximem de máquinas de produção colaborativa: é o que faz a diferença entre o e-mail e os chats, mas principalmente entre o Word/Office e o GoogleDocs, o PowerPoint e o Prezi, o Orkut (em sua concepção inicial) e o Twitter ou o Tumblr (ROJO 2012, p. 24).

Estas novas tecnologias podem contribuir através da colaboração para o processo de integração e ensino/aprendizado, pois possibilita ao professor levar o aluno para o universo da aprendizagem através da interação entre a tecnologia (que o aluno conhece) e os conceitos teóricos básicos de cada disciplina (que o professor transmite).

Pois para Sacristán, "[...] criar o espaço de compreensão comum requer um compromisso de participação por parte dos alunos/as e do professor/a num processo de comunicação (1998, p.64)." Para colaborar com este processo as escolas do Paraná, normalmente, oferecem aos professores alguns instrumentos tecnológicos dos quais poderão ser utilizados para a intermediação da construção dos saberes, entre eles podemos citar: televisores pen drive, laboratórios de informática com computadores e os projetores.

Com estas tecnologias disponíveis nas escolas, professores podem trabalhar através de: Artigos, teses, dissertações, banco de imagens, filmes, catálogos de sítios, filmes, literatura on-line, charges e redes sociais.

Quando utilizamos as ferramentas digitais disponíveis hoje, pode-se multiplicar as possibilidades de ensino, incentivando a interação: através do trabalho com imagens, que modifica e facilita a comunicação; navegando pelos mais diversos textos da web e/ou utilizar animações para tornar mais clara atividades mais complexas, e desta forma permitir aos estudantes o sentimento de serem os responsáveis pelos seus trabalhos realizados, sendo que estes poderão ser publicados e exibidos na internet (ROJO; 2012).

Cada um destes instrumentos oferece ao professor a chance de diversificar, com criatividade, sua prática na escola, aliada a melhor prática pedagógica. Porém vale salientar que para a utilização da tecnologia faz-se necessário a constante

atualização, pois esta não para, a inovação é uma constância. Desta forma, além de estrutura física, a constante formação de professores para a sua atualização e possível adaptação com as práticas pedagógicas, é fundamental para o uso adequado de recursos tecnológicos (SEED/PR 2010). Diante dessas afirmações, percebe-se a grande importância do professor dentro deste contexto, pois ele é a peça fundamental para aproximar o aluno do conhecimento através dos recursos disponíveis.

Neste processo de ensino-aprendizagem, as condições infraestruturais tecnológicas mostram-se essenciais para potencializar o currículo e propiciar aos professores e alunos um ambiente com condições adequadas que possibilite uma maior interação com a tecnologia e os conceitos pedagógicos a serem trabalhados.

2.3 A Aprendizagem

Pode-se dizer que o aprendizado é nato do ser humano, pois o homem é curioso e gosta de aprender e por isso faz buscas constantes na direção daquilo que mais lhe chama a atenção, porém nem sempre a busca pelo conhecimento está/esteve ligado a escola, aprende-se em casa, no trabalho, no convívio entre as pessoas. Neste sentido, Nadal (2009, p.1) salienta que "[...] a educação é uma prática milenar, a escola secular. Contudo, pensar sobre a educação faz de imediato, pensar sobre a escola” Apesar de haver uma grande distância entre ambas; ou seja, a educação existe muito antes da escola, a associação entre ambas parece ser eterna, visto a sua institucionalização na sociedade moderna, e hoje ser difícil pensar em educação separada da escola. Apesar deste ser um processo antigo e, com o passar do tempo terem surgido diferentes teorias do processo de ensino-aprendizagem, quando se entra nas salas de aula poucas mudanças podem ser constatadas: o mesmo quadro de giz, alunos organizados em fila e o professor à frente com o conteúdo curricular para apresentar. As alterações que podem ser vislumbradas são os meios ou as tecnologias, que a escola (professor) tem utilizado para o processo.

Para Sacristàn (1998), nas modernas sociedades a sofisticação e complexidade dos meios de comunicação provocam profundas mudanças na função escolar. Isto pode, de acordo com o autor, debilitar a função transmissora e fortalecer o papel de orientação e compensação. O contato do estudante com

recursos de comunicação ocorre em tempo integral, isto significa afirmar que ele sofre influência cultural de fontes mais poderosas até mesmo que a própria família ou a comunidade local, antes mesmo de chegar ao ambiente escolar. Neste sentido a tecnologia pode ser utilizada como um meio para a construção do aprendizado.

"A informação que se oferece na escola deve desempenhar uma função instrumental; facilitar o processo de reconstrução, estimular o desenvolvimento na criança da capacidade de compreensão, de reorganização racional e significativa da informação reconstruída" (FENSTERMACHER 1987; *apud* SACRISTÁN 1998 p. 63).

Neste sentido a informação deixa de ser algo "solto" e perdido, para se tornar em um instrumento facilitador no processo de reconstrução e transformação. "Para trabalhar nessa perspectiva, o professor deve engajar as crianças no processo e traçar estratégias que a levem do conhecimento prévio à criação" (Rojo, 2012 p 38). Porém, o processo de transformação nem sempre acontece de forma linear, isto pode depender da percepção que cada um trás e também da capacidade cognitiva do aluno, sendo estes fatores intrínsecos a cada ser humano. Por isso, para Sacristan, "[...] os problemas da prática educativa não podem ser reduzidos a questões meramente instrumentais, nas quais a tarefa do docente se reduz à escolha certa de meios e procedimentos e à competente e rigorosa aplicação dos mesmos" (1998 p 83). Pois significa criar no aluno competências e habilidades próprias que possibilite a tomada de decisões, a atuação efetiva na produção de bens e serviços, assim como a utilização plena e criativa das ferramentas de trabalho que o aluno poderá usar no seu dia-a-dia.

Para Nascimento (2004 p 35), "[...] a influência que a tecnologia da informação e, em particular, a computação passaram a exercer no âmbito educacional deve ser analisada de maneira responsável e consciente." Pois envolve diversos fatores ligados ao processo de aprendizagem: o aluno e as suas especificidades: cultura, capacidade cognitiva, cultura assim como o nível de conhecimento; o professor e suas restrições, assim como também a estrutura de cada escola.

De acordo com Bacich (2015) a possibilidade de integrar sala de aula com ambientes virtuais é vital para que a escola se abra para o mundo e para trazer o mundo para dentro da escola. Assim como outros meios que se utiliza para uma aula, o planejamento, elaboração e a organização dos meios para a transmissão dos conteúdos é fundamental. Pois quando se utiliza as redes sociais, por exemplo,

como meio de transmissão é possível uma linguagem mais familiar, com uma maior espontaneidade da qual o aluno está habituado, porém é preciso haver objetivo e metas definidas para que não seja apenas um momento de descontração, mas que esta colabore tornando mais fácil a interpretação e facilitando o processo ensino-aprendizagem de conceitos pré definidos. Além disso, pode utilizar-se de imagens e vídeos que são fontes inesgotáveis e de grande valia, cabendo ao professor a escolha do conceito e meio a ser trabalhado e desta forma aproveitar esta ferramenta da melhor forma possível.

Neste sentido Vasconcelos (2012, p.65) afirma que "[...] a mediação joga um papel muito importante no processo de aprendizagem; a rigor, a aprendizagem é mediada socialmente, uma vez que toda aprendizagem humana envolve a utilização de instrumentos culturais". No processo de ensino/aprendizagem que é caracterizado pelas partes envolvidas, é fundamental que o professor utilize os mais diversos meios que se adapte a realidade na mediação do conhecimento, afim de prender a atenção do aluno e que possibilite a aprendizagem.

No ensino profissionalizante não é diferente, pois transmitir conteúdos e proporcionar condições para que os alunos aprendam continua sendo essencial, neste sentido a percepção da utilidade da aplicação daquilo que se aprende é fundamental. Neste caso, "[...] a formação dos formadores é considerada uma das principais, senão a principal variável, para a necessária adequação das instituições de ensino profissionalizante às exigências dos novos tempos" (MALUF, 1998; p.14). Pois faz-se necessário estar preparado em todos os sentidos, para poder contribuir com o educando nestes momentos de incerteza para prepara-los da melhor forma, para destacar-se e aproveitar as oportunidades que surgirem, pois as exigências e a competitividade dos novos tempos pedem profissionais seguros e com habilidades diferenciadas para fazerem parte deste novo mercado de trabalho.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

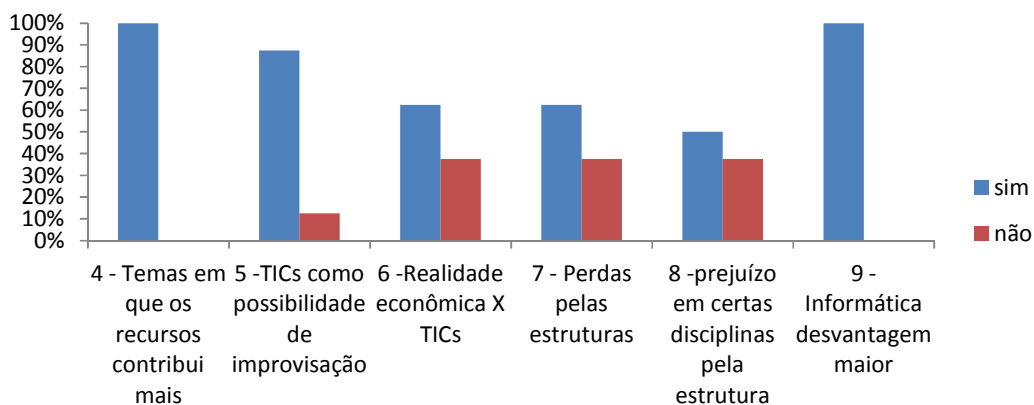
A unidade de análise da pesquisa foi um colégio estadual na cidade de Cruzeiro do Oeste, Estado do Paraná, que contava no período do estudo com quinze professores, sendo quatro do curso Técnico em Informática e os onze demais que lecionavam nos cursos técnicos em Administração e também em Recursos Humanos, por suas similaridades.

O questionário foi feito levando em consideração os objetivos deste trabalho e a realidade local da unidade analisada, a primeira questão referia-se a área de atuação, a segunda da formação e a terceira sobre o grau de conhecimento dos professores relativo às TIC's.

Perguntou-se na quarta questão se existiam temas das disciplinas em que os recursos poderiam ajudar mais do que outros para o aprendizado do aluno. A quinta questão referia-se ao uso das TICs como possibilidade de improvisação inovadora na sala de aula, e a pergunta seguinte levava os professores a pensar sobre a realidade econômica de cada aluno e o seu reflexo frente as TICs. A sétima pergunta questionava as perdas causadas pelas dificuldades estruturais no desempenho do aluno, a oitava provocava uma reflexão sobre o prejuízo do aluno em certas disciplinas e a nona e última questão, também levando em consideração a infraestrutura, procurava levantar se houve alguma desvantagem para alunos de determinados cursos em detrimento de outros.

Para a realização da pesquisa foi previamente conversado com os professores sobre a aplicação dos questionários que se manifestaram favoráveis a respondê-lo. Depois disso os questionários foram enviados por e-mail para os quinze docentes. Do total enviado, três questionários não foram devolvidos, ou seja 20% do universo pesquisado.

Gráfico 1 - Representa uma síntese percentual do resultado do questionário referente ao uso das TICs pelos professores do curso técnico de administração e de Recursos Humanos.



Fonte: Autora 2015.

As informações sobre a primeira a terceira questão não foram inseridas no gráfico, para uma melhor visibilidade do resultado das questões pertinentes ao uso das TICs pelos professores, as primeiras questões são relacionadas a área de

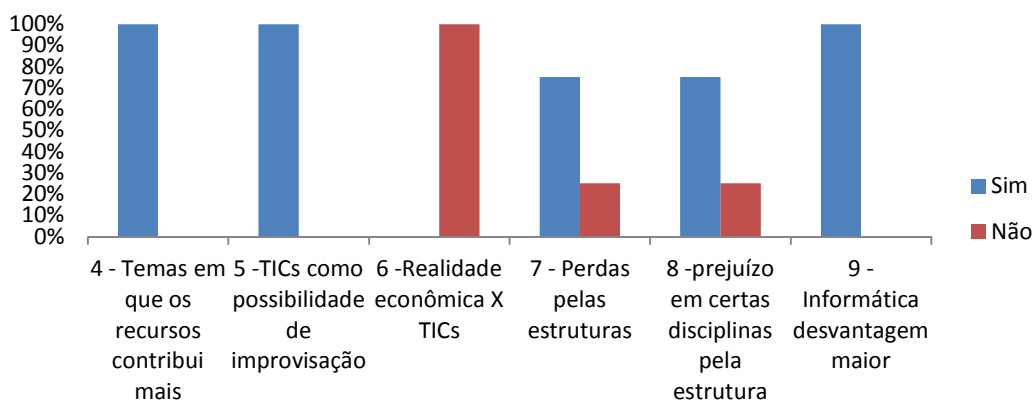
atuação, formação e o nível de conhecimento com relação às TICs, sendo que todos atuam e tem formação na área que lecionam e possuem conhecimento intermediário de informática. As demais questões apresentam-se no gráfico 1.

Conforme resultado todos acreditam ser comum o maior uso destes recursos em determinados temas que outros, em especial através das pesquisas online (no laboratório ou smartphone dos alunos), artigos e vídeos. Quanto a improvisação em sala de aula através das TICs (Questão 5) um professor não acha coerente usá-la, por acreditar que o imprevisto não deve fazer parte do dia-a-dia da sala de aula, os demais profissionais acreditam que há situações que demandam o imprevisto, e que mesmo a estrutura não sendo atualizada, é possível sua utilização em especial através da internet, seja no laboratório ou através dos smartphones dos próprios alunos.

Quanto ao poder aquisitivo dos alunos e a vantagem ou desvantagem no aprendizado e desempenho dos alunos: 62,5% (sessenta e dois virgula cinco por cento) dos professores acreditam que os alunos com menor poder aquisitivo serão prejudicados por não terem acesso as tecnologias previamente, desta forma não possuem a prática dificultando o seu uso durante as aulas, para os demais professores, a questão econômica não influencia, uma vez que hoje a maioria das pessoas, mesmo aquelas com menor poder aquisitivo, possuem aparelho celular (smartphone) o que facilita o acesso à internet, sendo este um dos itens mais utilizados por eles. Quanto as questões 7, 8 e 9, referente a estrutura do ambiente e seus reflexos, percebe-se que quanto ao mercado de trabalho 62,5% (sessenta e dois virgula cinco por cento) dos entrevistados acreditam que os alunos poderão ser prejudicados devido as diferenças entre aquilo que a instituição oferece, e o que o mercado de trabalho exige. Da mesma forma, a grande maioria acredita os alunos poderiam ter melhor aprendizado se a estrutura fosse atualizada.

Com relação aos cursos e a estrutura existente, a totalidade dos professores, mesmo não dando aula no curso de informática, foram unânimes em afirmar que os cursos perdem com a baixa infraestrutura, porém, os alunos do curso técnico em Informática serão os maiores prejudicados em relação ao aprendizado devido a estrutura atual não ser compatível com a necessidade da prática do mercado.

Gráfico 2 - Respostas referente ao uso das TICs pelos professores do curso técnico em Informática.



Fonte: Autora 2015.

Quanto aos resultados apresentados pelos professores do Curso Técnico em Informática, após a questão 3, por melhorar a visualização relativas ao estudo e também porque todos os questionados ministram aula no curso de informática e possuem formação e conhecimento avançado na mesma área. A partir da quarta questão, percebe-se também uma certa hegemonia, pois todos acreditam que existem temas em que os recursos tecnológicos podem ajudar mais do que outros no aprendizado do aluno, e que é possível a improvisação em sala de aula, mesmo com a baixa qualidade da estrutura tecnológica do colégio, tudo dependerá do professor e sua capacidade de criatividade. Estes concordam em 100% (cem por cento) que o baixo poder aquisitivo do aluno não influenciará o seu desempenho em sala de aula, pois já trazem uma bagagem pelo uso de celulares com internet.. Apenas com relação as questões sete e oito, que um professor opinou acreditar que a pouca infraestrutura que a instituição de ensino oferece no momento não interferirá nas aulas e nem no desempenho futuro dos alunos, para os demais, 75% (setenta e cinco por cento) dos entrevistados, as tecnologias disponibilizadas na escola, como o Sistema Operacional Linux, menos presente no mercado de trabalho atrapalha o maior desenvolvimento do aluno, e que deveria haver melhor adequação a realidade tecnológica atual. Da mesma forma, este percentual acredita que quando não há infraestrutura adequada, todo ensino fica prejudicado, não apenas uma disciplina ou outra, pois todas elas necessitam do uso das TICs para melhor assimilar o conhecimento, sendo que muitas vezes os professores precisam fazer adaptações para tentar atender a demanda do mercado, em especial em se tratando da prática.

Quando questionados a respeito do curso que poderá ter mais prejuízo com a infraestrutura desatualizada dos colégios, todos os professores responderam que sem dúvidas, o curso de informática e seus alunos são os mais prejudicados, justamente por terem disciplinas específicas de tecnologia que faz-se necessário o vivenciar da prática durante o curso, por tanto necessita de recursos atualizados que garanta o preparo adequado dos alunos para aquilo que o mercado de trabalho irá exigir dele.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foram apresentados os resultados referentes as possibilidades do uso da tecnologia por professores dos cursos técnicos profissionalizante em Administração, RH e Informática do Município de Cruzeiro do Oeste/PR de um colégio estadual, e as suas possíveis consequências para os alunos destes cursos.

A educação, através da escola, não foi constituída vinculada à formação do trabalhador, mas para a preparação de grupos seletos para a prática do poder e comando. Quanto ao aprendizado do trabalho, este deveria acontecer no próprio ambiente do ofício. Sendo que este pensamento foi mudando gradualmente com o passar do tempo e as novas exigências do mercado.

Hoje os cursos profissionalizantes acontecem nas escolas, em especial nas públicas, que visam a preparação do aluno para o mercado de trabalho. Tendo em vista o avanço da tecnológico nos últimos tempo e a sua relação direta com as exigências do profissional de hoje, este estudo visa perceber de que forma a escola tem utilizado as TICs para contribuir na formação destes novos profissionais.

Diante das informações primárias obtidas, observa-se que a tecnologia faz parte do dia-a-dia de professores e de alunos, em especial, dos cursos técnicos profissionalizantes. Mesmo os professores, que não são formados e que não atuam no curso de informática tem um bom conhecimento na área o que contribui na diversificação de meios para a interação com os alunos. Foi possível perceber que o poder econômico não é um fator determinante para o conhecimento destes meios. Finalizando, mesmo sem dispor de uma estrutura atualizada, adequada e condizente com o mercado, os educadores procuram aproximar o máximo possível o aluno da realidade em que se vive, porém a atualização da estrutura tecnológica poderia

contribuir para o diretamente no aprendizado dos alunos, em especial do curso técnico em informática.

REFERÊNCIAS

- BACICH, Lilian; José Moran. **Aprender e ensinar com foco na educação híbrida**. Revista Pátio. [On Line]. Disponível em <https://www.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/11551/aprender-e-ensinar-com-foco-na-educacao-hibrida.aspx>. Acesso em 30 de junho de 2015.
- BAGNATO, Maria Helena Salgado et al. **Ensino médio e educação profissionalizante em enfermagem: algumas reflexões**. Revista Escola Enfermagem. USP, v. 41, n. 2, p. 279-86, 2007.
- BRASIL. Decreto nº 6.302, de 12 de dezembro de 2007: institui o Programa Brasil Profissionalizado. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6302.htm. Acessado em 27/06/2015.
- CUNHA, Luiz Antônio. **O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata**. São Paulo: Ed Unesp; Brasília: Flacso, 2000.
- DOSANJOS, Isa Regina Santos. **Educação profissional de pessoas com necessidades educacionais especiais no Brasil: do período colonial à LDB**. Disponível em <<http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2007/276.pdf>>, acesso em 28 Ago. 2015.
- BASTOS A Machado Miranda. **A permanência e evasão dos estudantes nos cursos técnicos da modalidade integrada no instituto federal de educação ciência e tecnologia da bahia - (ifba) campus irecê**. Disponível em <<http://www.uneb.br/gestec/files/2013/06/DISSERTA%C3%87%C3%83O-Ancelmo-Machado.pdf>>, acesso em 27 ago. 2015.
- FONSECA, Celso Suckow. **História do Ensino Industrial no Brasil**. Rio de Janeiro: Escola Técnica, 1961. v.1.
- LOMBARDI, José C.; SAVIANI, Dermeval; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. **A escola pública no Brasil: história e historiografia**. Autores Associados, 2005.
- LUCENA, Simone. **Educação e Tecnologia, trilhando novos caminhos. A Internet como espaço de construção do conhecimento**. 2003, p.238.
- MALUF, Sheila Dia. **Ensinar ou Encenar? Uma proposta metodológica para o ensino profissionalizante**. UFAL, 1998.
- MANFREDI, S. Maria. **Educação Profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.
- NADAL, Beatriz Gomes. **A escola e sua função social: uma compreensão à luz do projeto de modernidade**. Formação de professores e escola na contemporaneidade. São Paulo: Ed. SENAC, 2009.
- NASCIMENTO, Raimundo Benedito do; TROMPIERI FILHO, Nicolino. **Atitudes face às tecnologias da informação. Transinformação**, Campinas, v. 16, n. 1, abr. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-37862004000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 30-06-2015.
- OCDE - Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico. **Relatório de Países: Indicadores de Educação Brasil**. Disponível em

<<http://www.oecd.org/brazil/48670822.pdf>> acesso em 20/Ago/2015.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SACRISTÁN, J Gimeno; GÓMEZ, Pérez A.I. **Compreender e transformar o Ensino**. São Paulo: Artmed editora S.A. 1998.

SEED, Paraná. **Paraná digital**: tecnologias de informação e comunicação nas escolas públicas paranaenses/Secretaria de Estado da Educação. Curitiba. 2010.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **A didática e os diferentes espaços, tempos e modos de aprender e ensinar**. 2012.